

Artigo de Opinião**Por que, apesar de claros os riscos, a automedicação ainda persiste?****Alívio rápido e consequência drástica****Atire a primeira pedra quem nunca tomou, por conta própria, um analgésico***Por Gislaine Buosi*

Nem todos sabemos: segundo a Fundação Oswaldo Cruz, a automedicação é a principal causa de intoxicação no Brasil, à frente da intoxicação por produtos de limpeza, agrotóxicos e alimentos estragados. Assim, fica claro que a automedicação pode, em vez de curar uma doença, agravar a saúde.

Até há pouco tempo, as comadres prescreviam chás e escalda-pés que, por vezes, aliviavam as dores nas pernas, as enxaquecas. Hoje, no lugar das comadres, está a internet – afinal, o Dr. Google sabe tudo. Isso se deve, principalmente, à falta de assistência médico-hospitalar à altura das urgências da população. Ora, é certo que não só a Saúde Pública, mas também os planos de saúde privados têm sofrido seus contratempos – as filas nos postos de pronto-atendimento têm se multiplicado e os diagnósticos, por vezes, chegam depois da automedicação, e, assim, os resultados: reações alérgicas, intoxicações, agravamento da doença e até morte.

Quem ganha com todo esse atropelo é a indústria farmacêutica, com clientes à cata de um milagre em gotas ou em cápsulas – muitas vezes, o farmacêutico, jaleco branco, seringa e garrote em mãos, é confundido com o médico. Não pretendemos aqui desmerecer a figura do prático ou do farmacêutico, mas, sim, valorizar a figura do médico, profissional habilitado a fazer prescrições de medicamentos.

Desse modo, é preciso maior cautela antes de engolir a próxima Dipirona. O Poder Público há de atentar à Saúde, e o doente, ao perigo da automedicação. Ainda que na novela das 9 seja charmoso atirar-se, na hora da raiva, ao whisky e ao vidro de remédios, para além da telinha, isso pode custar a vida. Medicamentos, na vida real, só mediante prescrição médica.